

AFORIZAÇÃO NO DISCURSO DE AUTOAJUDA

Anna Flora BRUNELLI¹

RESUMO: Neste trabalho, considerando as reflexões de Maingueneau (2006, 2010) sobre a aforização e as diferenças entre a enunciação aforizante e a textualizante, analisamos alguns enunciados destacados do discurso de autoajuda, procurando evidenciar alguns dos seus efeitos de sentido e o papel que desempenham nesse discurso. A análise revela que os destaques aforizantes auxiliam o sujeito enunciatador do discurso de autoajuda no trabalho de orientação de seus interlocutores, pois lhe permitem dar uma ordem, como se estivesse enunciando uma verdade, o que atenua o seu caráter de sujeito autoritário, próprio de quem dá ordens de modo explícito. Além disso, esses enunciados ativam o jogo do “dizer e não dizer”, simulando que o discurso de autoajuda está apoiado numa verdade incontestável, o que lhe reforça o poder persuasivo.

PALAVRAS-CHAVE: Aforização. Enunciados Destacados. Discurso. Autoajuda.

Introdução

Como observa Maingueneau (2006), na sociedade circula um grande número de enunciados que podem ser designados pelo termo vago de *fórmulas*. Trata-se de enunciados curtos, cujo significante e significado são considerados no interior de uma enunciação pregnante (pela prosódia, pelas rimas, pelas metáforas, etc.), que facilita a sua memorização e conseqüentemente a sua circulação. Muitos desses enunciados foram extraídos, quer dizer, destacados de textos, daí a designação atribuída a esse tipo de enunciado por Maingueneau (2006) de “enunciados destacados”. Neste trabalho, vamos analisar alguns enunciados destacados presentes em livros de autoajuda. Mais exatamente, pretendemos analisar alguns dos seus efeitos de sentido bem como o papel que desempenham nesse discurso. Para tanto, inicialmente, apresentamos

¹ Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE)/UNESP- Campus de São José do Rio Preto (SP), Brasil, anna@ibilce.unesp.br

as propriedades dos enunciados destacados, de acordo com as reflexões de Maingueneau (2006, 2010) sobre o tema.

Os enunciados destacados

De acordo com Maingueneau (2010), os “enunciados destacados” dividem-se em duas classes distintas, conforme o destacamento do enunciado seja constitutivo ou por extração. Assim, de um lado, temos os provérbios e todas as fórmulas sentenciosas que não são dotadas de um contexto situacional nem de contexto original, caso em que o destacamento é constitutivo e, de outro lado, temos os fragmentos extraídos de um texto específico. Neste último caso, como observa o autor, a extração não acontece de maneira aleatória, já que certos fragmentos têm características ou propriedades que favorecem a sua extração, isto é, que os tornam destacáveis. Por exemplo: uma relação íntima com a temática central do texto, lugar em que se encontra no texto (normalmente o final do texto) e propriedades enunciativas, como a de ser um enunciado generalizante, dotados de um *ethos* mais solene. Todas essas propriedades, que favorecem a sua extração, podem levar o enunciado a ser repetido como manchete ou um subtítulo. Nessa operação, o enunciado pode, inclusive, sofrer alguma alteração, o que é possível porque os enunciados destacados têm um *status* pragmático especial, isto é, eles decorrem de um regime de enunciação específico, que o autor chama de enunciação aforizante, em oposição à enunciação textualizante. Vejamos as principais diferenças entre essas duas ordens enunciativas:

- a) na enunciação textualizante, há posições correlativas de produção e de recepção, que são especificadas pelas restrições da cena relativa ao gênero a que o texto pertence. Trata-se de papéis pertinentes para a cena verbal, na qual a responsabilidade do dizer é partilhada e negociada. Na enunciação aforizante, em contrapartida, no lugar de posições correlativas, há uma instância que fala a uma espécie de auditório universal (nos termos de Perelman), que não se reduz a um destinatário específico; não há, então, protagonistas colocados no mesmo plano, pois a enunciação, de tipo monologal, centra-se no locutor, apreendido em sua totalidade, isto é, sem ruptura entre a instância discursiva e a instância tomada

fora da enunciação. Nesse caso, é o próprio indivíduo que se exprime, além e aquém de qualquer papel discursivo;

- b) na enunciação textualizante, os pensamentos estão articulados por meio de restrições de jogos de linguagem de diversas ordens (argumentar, narrar, responder, etc.); na aforizante, o enunciado pretende exprimir o pensamento de seu locutor, aquém de qualquer jogo de linguagem. Não se trata, então, de uma argumentação, de uma resposta, de uma narração, mas de uma tese, de uma afirmação soberana;
- c) na enunciação textualizante, há heterogeneidade enunciativa, por exemplo: diferentes figuras do enunciador, diferentes *status* polifônicos (citações), diferentes planos (primeiro plano e segundo plano), diferentes modos enunciativos (embreado e desembreado). Na enunciação aforizante, não há mudança de planos enunciativos.

Além disso, enquanto a enunciação textualizante resiste à apropriação por uma memória (afinal, não é fácil memorizar um texto inteiro), a aforizante pretende ser uma fala sempre disponível, que estaria atualizando o que seria, de fato, “memorável”. Na verdade, trata-se de um efeito de sentido desse tipo de enunciação, que se pretende como parte de um repetição que a sua própria enunciação autoriza. Desse modo, o sujeito enunciador, por meio da aforização, vai além da diversidade das interações imediatas dos gêneros textuais. Esse sujeito enunciador, o aforizador, assume um *ethos* específico, isto é, o *ethos* daquele que está no alto, do indivíduo autorizado que está em contato com uma fonte transcendente. Ele é aquele que enuncia algo que prescinde de negociação, como uma tese, uma verdade. Por isso, a aforização implica um sujeito enunciador que se situa como Sujeito de pleno direito. Assim, nesse tipo de enunciação, o sujeito enunciador, segundo Maingueneau (2010), coincide com o sujeito no sentido jurídico e moral: alguém que se coloca como responsável afirma valores e princípios perante o mundo, dirigindo-se a uma comunidade que está além dos interlocutores empíricos que são seus destinatários.

Com todas essas propriedades, a enunciação aforizante não entra na lógica do texto e do gênero do discurso, mas ela é parte de um texto, já que não existe enunciado fora de texto, isto é, enunciado que não pertença a um certo gênero, que não siga uma rotina, um ritual, etc. Por isso, Maingueneau

(2010) nos esclarece que a aforização é sempre convocada num texto que, por natureza, não é absoluto, embora ela pretenda ser uma fala absoluta, descontextualizada.

Considerando, então, conjuntamente as propriedades desses dois tipos de enunciação, Maingueneau (2010) concluiu:

As enunciações textualizantes e aforizantes não representam as duas possibilidades de uma alternativa, como se os locutores falassem ou por textualização ou por aforização. Toda aforização intervém em uma textualização: é uma encenação construída por outro locutor, um citador. A aforização vem, portanto, minar a capacidade da textualização. Ela faz aparecer a existência de outro regime enunciativo, em que a sujeitos de pleno direito e não somente locutores e enunciadores, a expressão de uma interioridade e não somente uma negociação no interior de uma rede de normas e de interações situadas. E não é o menor dos paradoxos que o texto seja ao mesmo tempo o lugar em que se constitui a aforização e aquilo que ela tem por natureza contestar. Desse ponto de vista, é o texto que fabrica o que o contesta. (p. 23-4)

Conforme já dito, essencialmente, há dois tipos de aforizações: as que são autônomas por natureza, caso em que o destacamento do enunciado é constitutivo (os provérbios e todas as fórmulas sentenciosas que não são dotadas de um contexto situacional nem de cotexto original) e as aforizações que não são sentenciosas. Neste último caso, os fragmentos destacados podem ser resultado da inserção de um fragmento do corpo do texto no paratexto (por exemplo, título, intertítulos, legendas). Há também aforizações integradas no decorrer do texto. Por exemplo, as citações dadas como retomada de um enunciado previamente aforizado, que, segundo Maingueneau (2010), são casos de aforização por natureza, portanto casos de aforização forte. Um caso particular desse tipo de aforização é o das citações da Bíblia, que são indefinidamente retomadas e indexadas por sua referência. Nos outros casos de aforizações integradas no decorrer do texto, Maingueneau (2010) nota que há diversos fatores que intervêm, contribuindo ora para reforçar, ora para enfraquecer ou mesmo bloquear o caráter aforizante de um enunciado. Assim, enquanto o caráter genérico do enunciado favorece a aforização, o significado do verbo introdutor de uma citação em discurso direto, como “relatar”, que implica ligação entre frases e valor factual, pode se opor à aforização.

Feitos esses esclarecimentos, no próximo item, passamos a tratar dos enunciados destacados do/no discurso de autoajuda.

Os enunciados destacados no discurso de autoajuda

Nas obras de autoajuda, é muito comum encontrarmos enunciados destacáveis, dispersos nos textos. Tais enunciados apresentam uma grande independência contextual que lhes possibilita a inserção em outros contextos, isto é, percebemos que eles poderiam ser destacados do contexto original para integrar-se a outros, sem prejuízo de sentido. Aliás, a esse respeito, notamos que, embora isso não seja a regra, em alguns livros, muitos deles estão realmente separados do corpo de texto e destacados por meio de alguma marca tipográfica (aspas, negrito e/ou itálico) que os distingue dos demais enunciados do texto. É desses casos, isto é, dos enunciados ou pares deles que aparecem efetivamente separados com algum destaque tipográfico que vamos tratar aqui. Vejamos alguns exemplos:

- (01) Para quem jamais se olhou no espelho de verdade, escolher uma carreira é como comprar presente para um desconhecido. Não há o menor parâmetro. (SILVA, 2002, p. 99)
- (02) A vida profissional é importante demais, ocupa tempo demais e consome energia demais, para você se dar ao luxo de não ser muito feliz com ela. (SILVA, 2002, p. 49)
- (03) Você só estará apto para trilhar seu caminho de modo autônomo quando estiver pronto para decepcionar seus pais. (SILVA, 2002, p. 107)
- (04) Seu poder e sua capacidade de criar realidade através da sua vontade termina onde o medo começa. (RICARDINO, 1997, p. 27)
- (05) Aquele que ganha uma discussão ganha um adversário. (RIBAS; MOYSES, 1998, p. 154)
- (06) Identificar um problema é o mesmo que fornecer óculos adequados a um míope. (RIBAS; MOYSES, 1998, p. 95)
- (07) Falar o que não interessa ao outro é o mesmo que querer explicar o sabor da carne a um vegetariano. (RIBAS; MOYSES, 1998, p.150)

Muitos desses enunciados que aparecem separados do corpo do texto e com alguma marca tipográfica que os destaca (aspas, negrito, itálico) são passagens bíblicas ou frases de pessoas célebres, como filósofos, políticos, grandes escritores, artistas, líderes religiosos, etc. Vejamos alguns exemplos:

- (08) “A habilidade necessária para expressar uma ideia é tão importante quanto a própria idéia.” Aristóteles (RIBAS; MOYSES, 1998, p. 17)
- (09) “Nossa maior glória não está em nunca cair, e sim em nos levantar toda vez que caímos.” Confúcio. (RIBAS; MOYSES, 1998, p. 81)

Quanto a isso, vale a pena comentarmos o caso da obra *Lições para uma vida despreocupada e feliz* (LEIVA, 1997). Trata-se de uma coletânea de provérbios, de ditados, de frases feitas e de outras ditas por personalidades célebres. O curioso dessa obra é que, se subtrairmos as citações, então a obra de 262 páginas fica reduzida às poucas linhas da apresentação. Mais exatamente, temos nessa obra 1000 aforizações, que aparecem numeradas e seguidas pela indicação da autoria,² quando é o caso. Vejamos alguns exemplos:

- (10) As injustiças lanceiam não só as vítimas, mas também quem as faz. (CAMILO CASTELO BRANCO, apud LEIVA, 1997, p. 74).
- (11) Por mais longa que seja a jornada, ela sempre começa pelo primeiro passo. (LAO-TSÉ, apud LEIVA, 1997, p. 149)
- (12) Quem não vive de alguma forma para os outros, não vive grande coisa para si mesmo. (MONTAIGNE, apud LEIVA, 1997, p. 186)

Em *O sucesso está em suas mãos* (RIBEIRO, 1992), obra que consideramos representativa do discurso de autoajuda, notamos que há um conjunto bastante rico de enunciados destacados, presentes no próprio texto, que depois foram destacados, com ou sem algum tipo de alteração, e inseridos numa outra. Esses enunciados apresentam as seguintes propriedades em comum:

² Na obra em questão, essa indicação é feita na linha seguinte, alinhada à direita, em corpo de letra reduzido.

a) são enunciados impessoais. Nos enunciados nos quais consta um pronome pessoal, *você*, o pronome pode ser entendido com um caso de pessoa subvertida, nos termos de Fiorin (1996), isto é, trata-se de um exemplo de neutralização de uma oposição no interior da categoria de pessoa que resulta no emprego de uma pessoa (no caso, a 2^a), com o valor de outra (no caso, a 3^a indeterminada). Ou seja, é um “você” que tem por função “pessoalizar enunciados impessoais [...]” (FIORIN, 1996, p. 90). Desse modo, os eventuais pronomes presentes nesses enunciados são termos metalinguísticos, isto é, referencialmente vazios, ou, ainda, são pronomes de percurso que, em vez de permitir a identificação de um único objeto, levam o interlocutor a percorrer todos os indivíduos a que ele possa se referir.

b) dada a sua impessoalidade, podem passar da expressão pessoal à impessoal e vice-versa. Vejamos alguns exemplos:

(13) Você não pode obter bastante naquilo que você não quer. (RIBEIRO, 1992, p. 79) (expressão impessoal: “Não se pode obter bastante naquilo que não se quer”; ou “Não se consegue obter bastante naquilo que não se quer”)

(14) Quem assume para si uma meta que não é sua, está comprando sua própria infelicidade. (RIBEIRO, 1992, p. 83) (expressão pessoal: “Quando você assume para si uma meta que não é sua, está comprando sua própria infelicidade”; ou “Se você assumir para si uma meta que não é sua, estará comprando sua própria infelicidade”)

c) não apresentam dêiticos espaciais nem temporais, nem mesmo os referencialmente vazios; além disso, não apresentam ainda nenhuma expressão referencial definida. Os sintagmas nominais desses enunciados dizem respeito a classes ou a indivíduos que as representam, e não a um único referente específico ligado à situação de enunciação.

Por essas propriedades, entendemos que se trata de enunciados genéricos que, assim como todos os enunciados desse tipo, levam o interlocutor a uma inferência que contenha um universal (como *sempre*, *jamais*, *todo*, *tudo*, *nenhum*, *ninguém*, etc.). Assim, nesses enunciados, a ausência de valor referencial específico

para os seres mencionados é fundamental, pois nunca se trata de especificidade, mas de universalidade. Isso também é válido para os enunciados destacados metafóricos, cujas expressões, ao constituírem uma metáfora, perdem seu sentido próprio e específico, levando à inferência de uma verdade universal, expressa no presente genérico. Por exemplo, um enunciado metafórico como

(15) Se o único instrumento que você tem é um martelo, todo problema você pensa que é prego. (RIBEIRO, 1992, p. 89)

leva a uma inferência do tipo “se você está pensando como sempre pensou, nunca vai conseguir resolver seus problemas”.

Todos esses enunciados destacados, inclusive os metafóricos, podem se reduzir a uma injunção, a uma interpretação imperativa, mesmo que os seus verbos estejam no presente do indicativo precedido de um SN na terceira pessoa. Vejamos alguns exemplos:

(16) O segredo da vida não é fazer o que você gosta. É gostar do que você faz. (RIBEIRO, 1992, p. 101).

(17) A vida que você leva foi criada por você. (RIBEIRO, 1992, p.117)

Parafraseando esses enunciados por uma injunção, teríamos, respectivamente:

(16)' Aprenda a gostar do que você faz (para ser feliz, para se dar bem na vida, etc.).

(17)' Assuma a responsabilidade de sua vida (ou) Tome o controle de sua vida.

No caso do enunciado metafórico que apresentamos anteriormente (exemplo 15), teríamos a seguinte injunção: “mude seu modo de pensar”, “abandone velhas crenças”, “adote posturas diferentes”, ou ainda, para utilizar termos empregados por Ribeiro, “mude de paradigma”.

O valor injuntivo desses enunciados é observado também por Maingueneau (2010). De fato, o autor nota que a descontextualização das aforizações é acompanhada por uma opacificação de seu sentido, que exige um trabalho

interpretativo, no qual dizendo X, o locutor implica Y, onde Y pode ser justamente um enunciado genérico de valor deôntico (MAINGUENEAU, 2010, p. 15). Daí o *ethos* solene a que o autor havia se referido, *ethos* próprio ao indivíduo autorizado, que está em contato com uma fonte transcendente. O conteúdo do enunciado deve ser entendido, portanto, como uma verdade, que prescinde de negociação. Para exemplificar o valor deôntico desse tipo de enunciado, Maingueneau (2010) cita o caso de uma aforização apresentada pela revista *Veja* numa seção de enunciados destacados e atribuída à cantora Preta Gil: “Eu me acho linda” (*Veja*, 3 de setembro de 2003, apud MAINGUENEAU, 2010, p. 15). Segundo o autor, esse enunciado, apesar de ser um enunciado aparentemente trivial, como toda aforização, tem um sentido que vai além de seu sentido imediato e que pode ser entendido como um enunciado genérico com valor deôntico do tipo: “Não se deve ter vergonha de ser gordo”, “Deve-se ter orgulho de ser negro”, “A gente deve se amar”, “Ninguém deve esconder o corpo”, etc.

Desse modo, qualquer um dos exemplos citados, aforizações do discurso de autoajuda, inclusive as citações relativas a personalidades célebres, pode ser convertido num enunciado genérico com valor deôntico. Assim, por exemplo, enunciados como “Passei mais da metade da minha vida preocupando-me com coisa que jamais iriam me acontecer” (W. CHURCHILL, apud LEIVA, 1997, p. 78) e “Quem compra o supérfluo, acaba vendendo o necessário” (BENJAMIN FRANKLIN, apud LEIVA, 1997, p. 109) equivalem, respectivamente, a enunciados do tipo: “Não seja excessivamente preocupado/Preocupe-se somente com o que é realmente importante”, e “Dedique-se somente ao que for necessário na sua vida/Não se dedique ao que não for necessário na sua vida”, respectivamente.

Para compreendermos melhor a presença desses enunciados com valor deôntico no discurso de autoajuda, chamamos a atenção para alguns aspectos desse discurso.

Primeiramente, vale lembrarmos que as publicações de autoajuda são obras que prometem ensinar fórmulas infalíveis para a realização bem sucedida de uma série de tarefas, tais como: ter sucesso profissional e financeiro, conquistar autoconfiança, o parceiro ideal ou um emprego melhor, curar doenças crônicas, resolver problemas de personalidade, etc.

Além disso, o discurso de autoajuda pode ser tomado muito mais como um conjunto de orientações, de direcionamentos do que como um convite à reflexão, pois, ao em vez de discutir as causas dos problemas e dos sofrimentos

de seus possíveis interlocutores, *oferece receitas de soluções* e, com elas, promete a metamorfose de um indivíduo fraco e inseguro em alguém todo poderoso, capaz de resolver todos os seus problemas independentemente do contexto em que está inserido. Desse modo, nos termos de uma semântica global (cf. MAINGUENEAU, 2005), esse discurso pode ser caracterizado pelo traço da /objetividade/, pois apresenta, ao lado de um conjunto relativamente pequeno de teses (que se repetem constantemente por meio de paráfrases), um conjunto de enunciados que orientam o interlocutor em seu caminho rumo ao sucesso. Isso explica a grande quantidade de enunciados imperativos que há nos textos de autoajuda. Espécie de manual de sobrevivência para o homem pós-moderno, o discurso de autoajuda dispensa as discussões de suas teses ao apresentá-las, como verdades inquestionáveis, e, no lugar da reflexão acerca do que propõe, oferece ao seu interlocutor “verdadeiras receitas contra a angústia, o medo, a incerteza, a falta de confiança própria e outros obstáculos que, somados, resultam no ‘atraso de vida’ ” (PRADO, 1991, contracapa).

A esse respeito, vale notar que os imperativos constituem até títulos ou subtítulos das obras de autoajuda (isto é, de seus capítulos ou de seções), conforme atestam os exemplos:

(18) Crie coragem e encoste esse homem na parede! (ABRAÃO, 2009, p. 127)

(19) Dê um passo além do medo. (RICARDINO, 1997, p. 79)

(20) Sonhe e corra atrás do seu sonho. (SILVA, 2002, p. 81)

(21) Reinvente seus pais. (SILVA, 2002, p. 129)

Orientando seus interlocutores, o sujeito enunciadador do discurso de autoajuda assume um lugar de saber, ou seja, ele se coloca num lugar de enunciação que implica ter um conhecimento especial ou específico para ser transmitido. Enunciar a partir desse lugar é, então, apresentar-se como tendo esse saber e, realizando esse ato, simular que é legítimo fazê-lo.³ Esse saber do sujeito enunciadador do discurso de autoajuda, além de particularizar-lhe a enunciação, desempenha um papel bastante importante na constituição desse

³ Parafraseamos aqui o seguinte enunciado de Maingueneau (1989) a respeito do uso das aspas: “Colocar entre aspas não significa dizer explicitamente que certos termos são mantidos à distância, é mantê-los à distância e, realizando este ato, simular que é legítimo fazê-lo” (MAINGUENEAU, 1989, p. 90).

discurso, pois reveste o sujeito enunciador da autoridade necessária para que possa dar ordens a seus enunciatários, o que faz especialmente por meio de afirmações deonticamente modalizadas, definindo o que seus enunciatários devem e o que não devem fazer.

Considerando esses aspectos do discurso de autoajuda, podemos dizer que os enunciados destacados auxiliam o sujeito enunciador no seu trabalho de orientação de seus interlocutores, pois lhe permite dar uma ordem, como se estivesse enunciando uma verdade, o que reforça o poder persuasivo do discurso. Além disso, parece-nos que essas aforizações também atenuam o caráter autoritário do sujeito enunciador desse discurso, mais evidente nas ordens explícitas, isto é, nos enunciados deonticamente modalizados. Afinal, como se sabe, os enunciados deonticamente modalizados funcionam sempre como instrumentos à disposição do enunciador para impor vontades sobre o enunciatário, regulando seu comportamento por meio de ordens e proibições, qualquer que seja o subtipo de dever veiculado (obrigação, permissão ou necessidade). Assim, os enunciados imperativos são impositivos e o seu emprego reforça a autoridade do sujeito enunciador. Por outro lado, com os enunciados destacados em questão, a situação é diferente, já que seu valor deôntico não é explícito, mas deve ser inferido; parece-nos, então, que esses enunciados se prestam a atenuar o caráter autoritário do sujeito enunciador do discurso de autoajuda, mas sem comprometer o poder persuasivo do discurso, ou a sua capacidade de desencadear a crença, dado o *ethos* próprio das aforizações. Segundo Maingueneau (2010), aparentemente, com esse tipo de enunciado o sujeito não se dirige ao interlocutor, mas a um auditório universal. Ou seja, o sujeito enunciador do discurso de autoajuda, na qualidade de aforizador, assume o *ethos* daquele que está no alto, do indivíduo autorizado, em contato com uma fonte transcendente, que, portanto, não pode ser contestada, como poderiam ser contestados os enunciados deonticamente modalizados. Assim, proferindo ordens como se fossem verdades, ou seja, como conteúdos não negociáveis, o sujeito enunciador do discurso de autoajuda reforça o poder persuasivo desse discurso e também lhe imprime um tom mais didático e menos autoritário, até porque cabe ao destinatário descobrir o valor deôntico desses enunciados. A esse respeito, Maingueneau afirma que a aforização faz ouvir uma reserva de sentido na própria exibição de uma enunciação, tornando enigmático um enunciado que apela para a interpretação. Ou seja, para além das interações, para além das argumentações, com os destaques aforizantes, o discurso de autoajuda tem sua credibilidade reforçada de um modo especial,

que não pode ser contestado, já que a enunciação aforizante suspende, por assim dizer, a reciprocidade própria ao intercâmbio linguístico. Do ponto de vista da argumentação, podemos dizer que tais enunciados reforçam o poder persuasivo do discurso de autoajuda, porque, como enunciados que ativam o jogo do “dizer e não dizer”, simulam que o discurso de autoajuda está apoiado numa verdade incontestável.

BRUNELLI, Anna Flora. Aphorisation in the self-help discourse. **Revista do GEL**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 125-137, 2011.

ABSTRACT: *In this paper, based on Maingueneau's (2006, 2010) thoughts on aphorisation and on the differences between aphorising and textual enunciation, we analyze some detached utterances from the self-help discourse, by highlighting some of their meaning effects and their role in such discourse. The analysis shows that the aphorising detachments support the self-help discourse enunciator in the process of guiding the interlocutors. Such aphorizing detachments allow the enunciator to give order as if he or she were enunciating the truth, which attenuates the enunciator's authoritative character, who is supposed to give order explicitly. Moreover, such utterances activate the play between “to say and not to say,” by simulating that the self-help discourse is based on an undeniable truth, which reinforces its persuasive power.*

KEYWORDS: *Aphorisation. Detached Utterances. Discourse. Self-Help.*

Referências

- ABRAÃO, S. **Abaixo a mulher capacho!** Barueri: Manole, 2009.
- FIORIN, J. L. **As astúcias da enunciação.** São Paulo: Ática, 1996.
- LEIVA, A. B. **Lições para uma vida despreocupada e feliz.** Brasília: Caligráfica, 1997.
- MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em Análise do Discurso.** Tradução de Freda Indursky. Campinas: Fontes/Editora da UNICAMP, 1989.
- _____. **Gênese dos discursos.** Tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições, 2005.
- _____. **Cenas de enunciação.** Tradução de Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva [et al.]. Curitiba: Criar Edições, 2006.

_____. **Doze conceitos em análise do discurso**. Tradução de Adail Sobral [et al.]. São Paulo: Parábola, 2010.

PRADO, L. **Alegria e triunfo**. São Paulo: Pensamento, 1991.

RIBAS, A. B.; MOYSES, C. **Pense, fale, exista**. São Paulo: AutoData, 1998.

RIBEIRO, L. **O sucesso não ocorre por acaso**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

RICARDINO, L. **Parabéns pela decisão de ser feliz: a busca do ser**. São Paulo: STS, 1997.

SILVA, A. **E agora, o que é que eu faço?! 2. ed.** São Paulo: Alegro, 2002.